ANNO XX de "O Povo de Aveiro, DOMINGO, 19 DE JULHO DE 1903 N.º 1:005 de "O Povo de Aveiro,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO.

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 206

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

O PAPA

A' hora de eu traçar estas linhas, ainda não morreu o papa. Se tiver morrido quando ellas forem publicadas são, da mesma fórma, bem cabidas.

Em volta do papa ha lagrimas. Mas tambem ha maldições: Umas e outras são a descrença absoluta em Deus.

Quem vae do mundo convencido de que vae para Deus, e de que encontra em Deus, isto é, na ventura, na paz perpetua, na felicidade perenne, os entes queridos que deixa na terra apenas por instantes, não vae na dôr suprema que se retrata nas palavras, e na physionomia do papa, palavras lançadas á publicidade, physionomia retratada cá para fóra pelos catholicos que teem entrado no quarto do muribundo.

A dôr do papa é a dôr do desapparecimento, do anniquilamento, do nada. A mesma dôr que sentem aquelles que o veem desapparecer.

Sem a convicção intima, ainda que mal percebida, que salta n'esse instante por cima de todas as crendices e de todas as convenções, de que a separação é eterna, de que a partida é para sempre, de que os conhecidos e amigos nunca mais se veem, nunca mais se encontram, as lagrimas seriam ligeiras, a saudade seria leve, como entre amigos que se despedem para uma viagem á India ou ao Brazil.

Que digo eu? Quem vae á India ou ao Brazil, póde encontrar um jacaré que lhe arranque uma perna, um tubarão que o engula ou uma serpente que o esmague. Póde encontrar tormentos, penas, afflicções, ou, pelo menos, desgostos.

Quem absolveu tanta gente, como o papa, quem deu tantas indulgencias, quem salvou do purgatorio tantas almas, vae direitinho para o céo e no céo encontra aquelles que protegeu na terra. Devia ser uma despedida mais agradavel, muito mais agradavel do que a despedida para o Brazil ou para a India.

Por outro lado, as luctas escandalosas dos cardeaes, as intrigas, as questiunculas azedas que se teem debatido junto do proprio leito do moribundo, são a confirmação plena de que no coração dos mais altos e graduados propagadores da crença não existem crenças nenhumas.

E' necessario que o crente seja muito estupido, esteja muito proximo ainda do irracional, para que a fé lhe não desappareça, para que as crenças se lhe não diluam deante do espectaculo vergonhoso, deante dos crimes que os cardeaes, os *sacerdotes magnos*, estão praticando em Roma.

Porque é um crime, um verdadeiro crime, aquillo que, aos olhos do mundo, se está passando no Vaticano.

E os jornalistas, os declamadores, os impostores, que andaram um mez a apregoar a selvageria dos *assassinos* da Servia, que tanta *indignação* espalharam contra aquelles que, com excesso escusado embora, excesso filho do odio fundo produzido por uma longa tyrannia, nada mais fizeram doque justiçar um grande criminoso, um malvado que espesinhava sem respeito e sem pudôr um povo inteiro, não teem agora uma phrase de sincera indignação contra os altos ministros de Deus, que jogam sem pudôr as suas rivalidades, e as suas ambições vergonhosas, no proprio quarto d'um moribundo.

Ha dias morreu um cardeal, ou fulminado pelo veneno, tão tradiccional nas regiões celestiaes dos eleitos do Senhor, ou fulminado pela congestão da colera, no auge d'uma polemica de ambições ou de paixões. Quem sabe se o que matou, de qualquer fórma, esse cardeal, será ámanhã o vigario de Christo na terra? E da capella Sixtina, onde começará por receber a adoração dos cardeaes, lança *urbi et orbi* a sua primeira benção sobre as multidões ajoelhadas. Foi um criminoso? A eleição redimiu-o. Agora é o vigario de Christo, é o successor de S. Pedro, a quem todos devemos obedecer como ao proprio Deus. E o mundo dos impostores, dos especuladores ou dos imbecis, não trata mais de indagar se a mão, que os abençôa, está profanada, é criminosa.

As coleras, as imprecações, as indignações, ficam para os da Servia, que mataram a tiro, ás facadas, ás picadas um ungido do Senhor. Fosse ou não fosse um malvado, um tyranno. Era um ungido do Senhor.

E tanto póde a convenção e o numero que até os *revolucionarios* vão n'essa corrente.

O' mundo!

Eis o valor das crenças.

Nem confiam em Deus os que morrem, nem teem medo de Deus os que ficam.

Os que morrem vão anniquilados, não vão triumphantes. Não teem o rosto radiante da eternidade, da vida perenne, dos que vão para a vida celeste, vida de gosos, de glorias, de venturas. Teem o rosto triste e macerado da materia a decompôr se, da materia a transformar se.

Os que ficam, não teem o rosto alegre de quem diz: «Adeus, adeus, feliz de ti, que vaes primeiro do que eu. Mas eu lá vou tambem. Adeus, meu felizardo, adeus, até logo. Prepara ceia lauta, quando eu fôr, para me receberes. E não te esqueças de convidar os mais bellos cherubins que lá houver. Adeus, adeus. Anda lá que [illegible] sorte.»

[illegible] se perdem, ou praticam patifarias que se finam. Os que choram não invejam nada a tal vida de delicias que o morto vae gosar. Os indifferentes, tambem não. E os que ficam a praticar patifarias, nem invejam os gosos do céo, nem teem medo das penas do inferno. Porque se tivessem medo seriam menos patifes um bocadinho.

E eis ahi como aquelles que mais falam em Deus são aquelles que mais desmentem Deus.

Os homens são hoje o que foram sempre e o que hão ser até á consumação dos seculos, não fallando na maior ou menor instrucção que lhes modifique a indole.

LUTHERO.

"O MUNDO,,

Sob o titulo! *Um mal entendido*, dizia o nosso estimado collega de Lisboa, em 7 do corrente:

O nosso illustre collega, o *Povo de Aveiro*, diz na sua revista semanal:

O *Mundo*, ao que lêmos em outro periodico, porque não tivémos a felicidade de encontrar o numero em que aquelle nosso estimado collega tratava do assumpto, não extranhava que os nacionalistas viessem a constituir a *extrema direita do republicanismo portuguez*.»

E segue as suas considerações sobre o assumpto.

Devemos explicar ao collega que a phrase a que se refere não é aquella. Appareceu incidentemente n'um artigo que tinha a assignatura do nosso estimado e intelligente collaborador Heliodoro Salgado, que não póde ser suspeito de querer fazer a Republica com beatos.

Apreciando os partidos politicos portuguezes, o dedicado democrata, que tem passado a sua vida a luctar contra a monarchia e contra a reacção religiosa, escreveu:

«Não falamos do *franquismo*, episodio comico derivado d'um insoffrido despeito de uns e da parvoice d'outros, sem condições algumas de viabilidade; não falamos tambem do nacionalismo, destinado a formar ámanhã a extrema direita republicana, visto como as fórmas de governo o não preoccupam, mas apenas a manutenção do prestigio catholico...»

O sentido d'estas palavras é muito diverso do que o *Povo* lhe attribue, pela leitura que fez das *Novidades*.

Na verdade, foi pela leitura das *Novidades* que fizémos obra. Desde o principio escrevemos que não tinhamos encontrado já o numero do *Mundo*,—pelo qual logo confessámos a nossa sympathia,—onde se publicou o artigo.

Muito folgâmos com a explicação do *Mundo*, explicação que o sr. Heliodoro Salgado, auctor do artigo, confirma e desenvolve no numero seguinte.

Não lêmos o artigo. A culpa, portanto, foi nossa.

Gostosamente o confessamos.

Os povos estão destinados a formar um dia que não vem longe, uma grande familia — a familia universal da genero humano.

LAMBUNAIS.

Cartas d'Algures

14 de JULHO.

N'um relatorio apresentado ao 2.º Congresso da Liga contra a tuberculose, que se reuniu em setembro findo na cidade de Vianna do Castello, escrevia o medico Augusto da Silva Carvalho estas palavras eloquentissimas, para as quaes chamamos as attenções de todos, em especial da imprensa democratica, a imprensa republicana e a imprensa socialista, que tem rigorosa obrigação de zelar os interesses dos pobres e de combater sem tréguas nem descanço a colligação de especuladores que vem, de ha muito, esmagando a nação:

«Os impostos de consumo e os direitos de importação dos generos alimenticios attingem no nosso paiz uma cifra espantosa pela enormidade. Em se dizendo que Lisboa paga por anno cerca de 2:500 contos de imposto de consumo, que a carne de vacca paga 60 réis por kilo de direito de entrada e 65,51 de imposto de consumo, isto é, 125,61 por cada kilo, mais da terça parte do seu preço de venda, que as outras carnes pagam cerca de metade d'este preço (271 réis), que o bacalhau paga mais de 40 p. c. do seu custo primitivo, o que práticamente corresponde quasi a duplicar o preço de venda, que ha generos como o assucar que pagam ao estado e ao municipio de 60 a 145 réis, o que póde chegar a ser cerca do duplo do seu custo fóra do paiz, tem-se uma idéa exacta de quanto pesam os impostos na alimentação.

Cada habitante de Lisboa, incluindo as creanças mesmo de mezes, paga em média mais de 7$000 réis por anno de impostos lançados sobre os generos alimenticios de primeira necessidade, isto só a avaliar pelas quantias cobradas pelas alfandegas, porque se fosse feita a conta de quanto estas quantias augmentam o preço da venda a retalho, assim como de quanto n'este influem para o aggravar as multiplas extorsões que o pequeno commercio soffre a titulo de contribuições industriaes, licenças, impostos do sello e outras mil alcavalas, não seria exaggero avaliar em 15 ou 16 mil réis aquella média. O que representa isto para as classes pobres, o que significa uma cidade ter a carne de peor qualidade a 360 réis cada kilo, quando por menos de 260 a poderia ter limpa e de boa qualidade se lhe fossem abertas as alfandegas, o que importa para a vida dos pobres e remediados pagar o peixe por mais 25 p. c. do que deveria ser, o que representa tudo isto para a saude da população, não necessito eu dizer a uma assembléa de homens illustrados. Mas seja-me permittido em nome da hygiene e dos direitos politicos que me assistem, como medico e como cidadão, lavrar n'este acto solemne o meu protesto perante o facto innegavel em presença dos dados que todos pódem colher e que eu resumo n'estes quadros e mappas, e que se póde reduzir a esta affirmação—na quantia que com grande sacrificio as classes pobres de Portugal destinam á alimentação, vem o fisco e leva-lhe mais da quarta parte.

Onde a intervenção do Estado exerceu a mais funesta acção, onde o mal é mais terrivel, é no preço a que a lei dos cereaes que se continuar a cumprir-se, ha de ficar na historia politica do nosso paiz com a designação de lei da fóme, elevou o pão. Por esta lei ficou Portugal absolutamente indifferente á fartura e consequente barateza de cereaes que possa haver no mundo; hoje que ha só um celleiro para toda a terra, póde como em 1884 haver milhares de milhões de hectolitros de trigo a mais do que o consumo pede, que o pão não barateará em Portugal; ha um minimo garantido por lei, garantia extraordinaria n'um paiz que se diz civilisado e teima em ser considerado como pertencendo á Europa e esse minimo é um maximo com que, quando se attinge o fim visado pelos poderes publicos, a não importação, a industria e o commercio da panificação não pódem e d'esta fórma á força se lançam na falsificação os que não queiram cahir na ruina.

O facto é este: Portugal está consumindo pão por um preço 40 p. c. mais elevado do que deveria ser, com grande prejuizo directo e indirecto do thesouro publico, com uma situação precaria da industria e commercio respectivos e só em proveito d'uma classe que não sabe vêr por quanto paga este favor.»

O relatorio continúa demonstrando o encarecimento do peixe e do bacalhau, cujo consumo, por consequencia, diminue. Ao mesmo tempo regista o extraordinario augmento no consumo do vinho e aguardente!

Tal é a situação pavorosa de Portugal. Em termos claros a descreve um homem por todos os titulos insuspeito, um homem que não é negociante, nem lavrador, nem industrial, que a calumnia não póde ferir com a insinuação de ser movido por interesses illicitos, um homem de sciencia cujo unico estimulo, ao traçar aquellas palavras, foi o amor da verdade e da humanidade.

Apprendam ahi os que se dizem defensores do povo, os quaes nem sempre, — vemo-nos na necessidade dura de o repetir — teem cumprido com independencia, com consciencia, com criterio, a sagrada missão que se impozeram. Arrastados pelo vicio de declamar, dominado pela cabulice, pela mandrice indigina, por tanto falando muito e estudando pouco, em vez de norte e guia da opinião desvairada, teem sido um dos mais poderosos agentes do desvairamento geral.

As classes pobres em Portugal cada vez comem menos carne, menos pão, menos peixe nacional, que tem encarecido immenso com a exportação, menos bacalhau, etc. E cada vez bebem mais vinho, que abunda, e aguardente. Isto é, ao mesmo tempo que se privam d'aquillo que dá força e saude, fartam-se d'aquillo que produz a doença, o crime, a morte, a degenerecencia da raça com todo o seu cortejo de miserias e horrores.

E tudo isto em nome do patriotismo! O proteccionismo é o patriotismo! Desappareça a raça portugueza para que se salve a nação portugueza! Vejam o enorme contrasenso, a revoltante hypocrisia, a formidavel impostura.

O sr. Silva Carvalho diz que a lei dos cereaes, que elevou o preço do pão, ha de ficar na historia politica do nosso paiz, se continuar a cumprir-se, com a designação de lei da fome. Ha de perdoar, mas essa designação já ella tem. Em pleno regimen da fome vivemos nós ha muito tempo. Ha em Portugal muita gente que passa mezes sem comer pão. Quem escreve estas linhas affirma-o porque o sabe, porque o tem visto nas suas digressões e permanencia em varios pontos do paiz. Nas regiões onde domina a batata, come-se a batata e não se come pão. Em annos escassos de batata, temos nós visto, na primavera, os trabalhadores ruraes, como antigos servos da gleba, alimentarem-se principalmente de favas cruas e de talos de couve.

E como ha de ser d'outra fórma se o pão está carissimo, e se cada um d'esses desgraçados ganha uma miseria, quando tem trabalho, porque parte do anno não o tem?

O sr. Anselmo de Andrade diz n'uma nota do seu *Portugal Economico* (pag. 449) que um kilo de pão, em Londres, custa 45 réis. Ora em certas terras de provincia, onde não ha postura de pão,

onde elle, por conseguinte, é muito mais caro ainde do que em Lisboa, um kilo de pão de boa qualidade chega a custar 120 réis.

E vamos para peor. A lei dos cereaes, não só ha de continuar a cumprir-se como ha de peorar. Fique certo d'isso o sr. Silva Carvalho. Não ha exemplo, n'este regimen despotico em que vimos vivendo ha tempo, d'auctorisações tão amplas, tão escandalosas como aquellas que, sobre a questão cerealifera, as camaras, *por ordem de quem tudo manda*, diz *O Debate*, concederam ao sr. conde de Paçô Vieira.

Que temos nós a esperar d'ahi? Pois os antecedentes não abonam os consequentes?

O paiz que morra de fome. O paiz que arrebente. Mas que vigore a confusão dos *dois erarios*. Mas que haja dinheiro para viajatas. Mas que continue a pandega rasgada d'aquelles que dispõem dos nossos destinos. Em nome do patriotismo!

Que ultraje!

Em Portugal cada habitante come em média, 20 kilos de carne annualmente, ao passo que o cidadão inglez come 50 kilos e o cidadão francez 35 kilos?

O portuguez come batata, ou roe talos de couve por não poder pagar o pão a 100 e 120 réis cada kilo?

O bacalhau custa mais 40 por cento em Portugal do que na Inglaterra e outros paizes da Europa?

Que importa isso?

Em compensação temos hospitaes de tuberculosos e fadas a velarem pelos doentes!

Degenera a raça? Definha? Entysica?

Tambem tem a honra, quando cahe exhausta ou moribunda, de ser erguida e afagada por mãos de princezas e boccas de cherubins.

Que mais quer?

Contentar e calar. Senão vem o Veiga e a Municipal.

A misericordia do céo ou do inferno cáia sobre nós!

E continuaremos, que o assumpto é vasto.

A. B.

O *canudo* embicou agora com a banda do 24 e anda fazendo *tagarelice* sem se lembrar que quem *semeia ventos colhe tempestades*.

Faz mal o homem da *roupeta* em se intrometter com quem d'elle não quer saber, porque se é certo que tem sahido são e salvo de todas as pessoas que tem insultado, talvez que d'esta não leve a melhor.

— Tantas vezes vae o cão ao moinho... que d'alguma vez lá lhe fica o focinho...

Adjudicação

Foi adjudicado ao sr. Antonio Augusto da Silva, mestre d'obras n'esta cidade, as duas enfermarias para o novo hospital, pela quantia de 5:350$000 réis.

O nosso prezado collega da Figueira da Foz, *A Voz da Justiça*, transcrevendo em artigo editorial o nosso do passado domingo, sob a epigraphe — *O Papa* — escreve, accusando a transcripção, as penhorantes palavras que vão lêr-se e que muito agradecemos:

O NOSSO ARTIGO EDITORIAL

E' transcripto do nosso denodado collega o *Povo de Aveiro*.

E' com a maior satisfação que transcrevemos aquellas palavras tão sensatas e tão cheias de verdade e recommendamos a sua leitura, porque taes ideias devem ser profusamente espalhadas até que sejam bem comprehendidas. E comprehendidas não só pela classe popular, que não sabe e muitas vezes NÃO QUER aprender, mas tambem pela classe média, onde a moda e o «bom tom» de fancaria levam muita gente, que tinha obrigação de dar bons exemplos, a fazer demonstrações de fanatismo, improprias do tempo em que vivemos.

E isto não se entende só com os fanaticos catholicos romanos, entende-se com todos.

O analphabetismo NO EXERCITO

Sob o titulo: *Instrucção no Exercito* publicava, em 9 do corrente, em artigo editorial, o nosso prezado collega de Coimbra, *Resistencia*, o seguinte:

Em todos os paizes o exercito, além da fundação que lhe é propria, tem sido sempre considerado como um elemento valioso de educação.

Ao passo que o civismo e a solidariedade se apuram e apertam pelos contigentes que, provenientes de provincias diversas, trazem aos companheiros de quartel noções novas que contribuem para formar no cerebro do soldado a idéa da patria, a instrucção é amplamente ministrada nos quarteis, e, ao acabar o tempo, o soldado sae das fileiras disciplinado e instruido.

O exercito tem sido n'outros povos um poderoso auxiliar para acabar com o analphabetismo, e quando a Allemanha reconhecendo o seu atrazo cuidou em reformar a instrucção primaria, foi o exercito um poderoso auxiliar da reforma educativa, a que deveu mais tarde a sua victoria sobre a França.

Os officiaes foram obrigados a ensinar a lêr e a escrever os soldados e os maiores vultos do Imperio allemão citam com desvanecimento o tempo em que ensinaram nas escolas regimentaes a lêr e a escrever, tirando d'isso o maior orgulho da sua vida de soldado.

O exemplo das escolas allemãs fructificou em França, e hoje no exercito francez olha-se pela educação do soldado, e a passagem d'elle pelas fileiras é aproveitada para lhe ministrar conhecimentos que não possuiam, fazendo do soldado rude e boçal um elemento valioso de ordem e progresso.

Ao lado dos conhecimentos da arte da guerra, dão-se-lhes principios elementares das artes da paz; ensina-se-lhes a defender a terra da patria, mas ensina-se-lhes tambem a amal-a, e a fazel-a fructificar e produzir.

Assim é que o soldado assiste a conferencias frequentes de agricultura, ensinando-se-lhe a amar a sciencia, e a desprezar a rotina.

E assim vão os filhos dos lavradores, ao sahir das fileiras para os campos onde nasceram, espalhar conhecimentos, e promover reformas que d'outro modo só muito morosamente se poderia levar a cabo.

Entre nós o serviço militar é para a familia e para a patria a maior das calamidades.

O quartel é fabrica de ociosos, escola de vicios.

Sem o trabalho violento que nos outros paizes contribue para desenvolver organismos na occasião mais azada para o fazer, o soldado portuguez sae do quartel para se arrastar preguiçosamente pelas ruas, para ir roçar-se pelas esquinas, ou sentar-se desleixadamente pelos bancos dos passeios.

O soldado acaba o serviço sem um conhecimento util novo, e com muitos vicios a mais.

A propaganda, que ha annos vem fazendo o sr. capitão Homem Christo, da educação do soldado tem sido vista no nosso paiz com indifferença, se não com hostilidade.

No regimento de infanteria 23, onde agora está, tem porém encontrado officiaes que comprehenderam a elevação do seu pensar e o teem ajudado com dedicação.

Superiormente, porém, se alguma coisa se pensa do valor do trabalho do illustre militar, nada transpira, e os esforços que tem empregado e que tem feito conhecer pela imprensa, não teem tido echo nas repartições superiores.

Argumenta-se com o excesso de trabalho que não permittiria dar a instrucção militar ao mesmo tempo, pondo com facilidade de lado o exemplo antigo do exercito allemão.

Alguns teem mesmo escripto que não é proprio da dignidade d'um official ensinar instrucção primaria, não se lembrando do nobre exemplo dos officiaes allemães e francezes.

E em Portugal seria uma utilização inesperada do serviço militar obrigatorio, agora tão inutil e ás vêzes tão prejudicial.

O soldado portuguez ignora as coisas mais rudimentares. Não sabe lêr, não sabe escrever, desconhece completamente o seu paiz, as leis que o regem, as auctoridades que o governam e administram.

Sae do quartel, como entrou, no mesmo estado de embrutecimento, na mesma ignorancia.

E tudo poderia mudar bem facilmente seguindo na esteira dos que trabalham pelo engrandecimento do seu paiz, e vêem no soldado mais alguma coisa que uma machina de dar tiros, um auxiliar de eleições difficeis, ou o ornamento mais decorativo de procissões espectaculosas.

Sem instrucção, sem o desenvolvimento das faculdades d'aquelles cerebros [illegible] soldados regulares.

O soldado moderno deve ter intelligencia para comprehender uma ordem, para seguir um gesto de commando, para cooperar com os superiores no successo de uma victoria.

Exercitos não se levam, como irmãos de irmandade em procissões, a berros e a encontrões.

A ignorancia do soldado é o maior perigo para um exercito.

* * *

No domingo findo, sob o titulo: *Methodo João de Deus*, dizia ainda a *Resistencia*, n'uma local que o nosso prezado collega de Lisboa, *O Mundo*, transcreveu na terça-feira ultima:

O sr. capitão Homem Christo convidou o sr. conselheiro Bernardino Machado, presidente da Associação das Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus, a examinar alguns soldados que, aproveitando a epoca de instrucção militar, tinha ensinado a lêr, escrever e contar.

O sr. Homem Christo é bem conhecido pelos esforços que tem feito em varios regimentos, onde tem servido, para disseminar a instrucção, e dos realizados no regimento 23 o anno passado démos nós em tempo competente noticia.

Tem conseguido sempre ensinar um grande numero de soldados, alguns dos quaes teem feito o seu exame para cabo, ficando mais d'um distincto.

Este anno, porém, os recrutas foram licenseados antes do tempo marcado para completar a instrucção militar e a experiencia ficou por isso incompleta.

Por um acaso, alguns soldados não aproveitaram a licença liberalmente concedida pelo governo e o sr. Homem Christo poude escolher nos que ficaram quatro, sendo dois dos reputados mais intelligentes, e dois dos que eram tidos na conta de o serem menos.

Só tres d'estes quatro foram apresentados ao exame do sr. conselheiro Bernardino Machado, porque o outro estava no hospital doente.

Tinham apenas 90 licções.

Todos lêram regularmente, sem hesitações, mostrando conhecer bem o methodo de João de Deus, o que não é facil, nem vulgar, mesmo em alguns professores.

Todos escreveram ditado, n'uma letra legivel, quasi sem erros de ortographia.

O mais intelligente fez as quatro operações e mostrou ter noções rudimentares de principios de desenho geometrico.

Dos outros dois, um sommava, multiplicava e diminuia, outro sommava apenas.

Estes resultados se mostram a excellencia do methodo de João de Deus, provam tambem que o exercito podia ser uma grande força para acabar com o analphabetismo, um dos maiores males do nosso paiz.

O sr. conselheiro Bernardino Machado teceu os maiores elogios ao sr. capitão Homem Christo pela sua iniciativa, e pela força e persistencia de vontade que revelava esta tentativa de um ensino de si difficil e pouco attrahente, para quem não olhe superiormente as necessidades da instrucção.

A visita do sr. conselheiro Bernardino Machado durou duas horas e meia. Durante este tempo o sr. capitão Homem Christo referiu-se agradecido e com louvor aos officiaes do regimento de infanteria 23, que o tinham ajudado, e deu indicações sobre as bibliothecas regimentaes e os esforços que, ha tempos a esta parte, se vem fazendo para dar ao exercito a facilidade de instrucção que deve ter.

Emfim, na quinta-feira transcrevia a *Resistencia* todo o nosso artigo: *O analphabetismo no exercito*, dizendo n'uma local, sob o titulo:—*Povo de Aveiro*:

E' do *Povo de Aveiro* o artigo que em outro logar publicamos com o titulo *Analphabetismo no exercito*, tratando do problema da instrucção litteraria a soldados, a que mais d'uma vez nos temos referido.

Por os documentos citados no artigo deaiz-se a toda a evidencia que o ensino [illegible] é de exito seguro, que o exito é reconhecido officialmente, como se viu agora pela nota do commandante da 2.ª brigada de infanteria e pela decisão do jury do 23, e que, portanto o exercito, querendo, póde concorrer extraordinariamente para o levantamento do nivel intellectual em Portugal.

* * *

O *Diario*, considerado collega de Lisboa, dizia tambem no seu numero de quinta-feira, 16 do corrente, sob o titulo e subtitulo—*O analphabetismo no exercito—As experiencias do sr. capitão Homem Christo*:

O sr. capitão Homem Christo, apesar d'este anno não poder concluir, por motivos de força maior, a sua experiencia de ensino aos recrutas, obteve ainda assim resultados com que muito se deve orgulhar.

Dois analphabetos, habilitados por aquelle official, acabam de fazer o exame de 1.º cabo, no regimento de infanteria 23, sendo ambos approvados, e um d'elles appravado com distincção.

O sr. Homem Christo ainda habilitou 12 soldados, não analphabetos a fazerem o exame de cabo, ou do 1.º curso, ficando todos approvados e tres d'elles approvados com distincção. Ensinou 14, que só sabiam lêr, escrever e contar.

Portanto houve na companhia de aquelle official um aproveitamento completo em 28 homens, dos 44 que estava ensinando.

O commandante da respectiva brigada quando, ha pouco, inspeccionou infanteria 23 fez justiça ao sr. Homem Christo nos seguintes termos:

«Ha a notar o empenho e aptidão com que o capitão Homem Christo ministrou a instrucção elementar aos alumnos do 1.º curso e os resultados bem satisfatorios que se tem obtido do ensino; pena é que as circumstancias não permittam proporcionar a maior numero de praças tão util instrucção.»

E' o terceiro periodo de instrucção de recrutas em que o sr. Homem Christo se dedica á sympathica tarefa de ensinar a lêr e escrever os analphabetos da sua companhia, sempre com excellentes resultados. Honra lhe seja.

Felizmente, ainda ha na imprensa portugueza jornaes que comprehendem a importancia extrema da questão do analphabetismo.

São poucos. Podiam e deviam ser muitos mais. Mas, emfim, são alguns.

Antes pouco que nada.

* * *

O *Mundo*, de quarta e quinta-feira ultimas, transcreveu tambem o artigo do *Povo de Aveiro*. E o nosso não menos prezado collega *O Debate*, de segunda-feira, egualmente o transcreveu em grande parte, precedendo-o d'estas palavras:

Em 1881, o nosso correligionario Casimiro Freire, conhecendo bem os resultados maravilhosos do methodo de João de Deus, fundou a Associação de Escolas Moveis, destinada a propagar, no paiz, o ensino por aquelle methodo. Do que essa Associação tem feito, falam os relatorios. Do concurso que o publico lhe tem prestado, é melhor não falarmos. Uma vergonha. E, os republicanos—diga-se a verdade—não teem sabido comprehender o alcance d'aquella grande iniciativa, auxiliando-o. Uma vergonha e uma tristeza. Mas, emfim, atravez de tudo a Associação, perturbada e prejudicada por todas as fórmas e até por quem devia ajuda-la, vae seguindo. E, o merito excepcional da *Cartilha*, de João de Deus, affirmando-se cada vez com maior exito.

Um homem, decidido a prestar um serviço verdadeiro ao seu paiz, expontaneamente, deu-se a ensinar os soldados analphabetos pela *Cartilha*. E' o sr. capitão Christo a pessoa a quem alludimos. Contrariedades, insidias, odios perseguições, eis tudo quanto elle tem colhido como premio da sua benemerita iniciativa. Mas, felizmente, n'este paiz de eunuchos, elle é um homem de inquebrantavel força de vontade. E tem conseguido o mais que é possivel conseguir-se. Agora mesmo acaba de obter um grande triumpho, em Coimbra. Melhor do que nós, póde dize-lo o *Povo de Aveiro*.

. . . . . .

Este louvor não será, todavia *averbado*. O sr. commandante da brigada não podendo eximir-se a manifestar a sua admiração pelo official, receiou comtudo censura por o louvar.

O official não está em cheiro de santidade desde que se lembrou de ensinar analphabetos. Isso é crime para muita gente agaloada. E então, o sr. commandante, em vez da palavra official *zelo*, escreveu *empenho*. Assim se concilia tudo. E' a triste influencia do meio, não deixando dizer a verdade toda, mesmo quando se trata de homens realmente dignos e sérios como o é, incontestavelmente, o sr. commandante de brigada.

O caso, porém, é que, os factos obrigam *todos* a reconhecer o valor da obra do sr. Homem Christo, o que é, para elle, com certeza, o *essencial*, pois que, louvorsinhos e penduricalhos, não o interessam.»

. . . . . .

Nada temos que accrescentar. Estamos inteiramente de accordo.

No Jardim

Fez-se ouvir no passado domingo, no Jardim Publico, a reputada banda de infanteria 24.

Tambem se apresentou distinctamente a *tuna* da mesma banda, tocando até á meia noite.

O producto das entradas, que reverteu a favor do Monte-Pio, ainda rendeu 25$000 réis.

Foi o que se póde dizer um bocado de noite bem passada.

Oxalá se repita por mais vezes, para recreio de todos.

VIVA A FOLIA

Emquanto o Papa n'uma agonia lenta e dolorosa prestes a succumbir em Roma, o sr. cardeal Aiuti em Lisboa se regalava saboreando o bello *champagne* n'um banquete offerecido por Sua Eminencia para solemnisar a investidura do barrete cardinalicio!

O mais engraçado é que fôra o Pontifice, que agora está exhalando o ultimo suspiro, quem o nomeára membro do Sacro Collegio.

O escandalo foi de tal ordem que o sr. ministro das obras publicas ordenou que qualquer telegramma que se referisse ao Papa, só fosse entregue depois da uma hora da noite.

E quer esta gente que os tomem a sério!

Ha sujeitos que iriam procurar as ruinas do seu solar ao paraizo terreal, se não receassem encontrar o seu penultimo avô na pessoa de Caim. Honrado receio!

CAMILLO.

INAUDITO

Todos os jornaes noticiaram o caso espantoso de ter sido preso no Porto o sr. Augusto Malheiro Dias pelo *crime* de pretender casar contra vontade de sua familia.

O sr. Malheiro Dias tem 23 annos d'edade, é maior, póde casar com quem quizer. Mas tem um mano, que é deputado e secretario do sr. ministro das obras publicas. O mano não quer que o sr. Augusto Malheiro Dias case pobre. E como a noiva d'este senhor é pobre, o mano, esgotados os outros recursos, conseguiu que o corregedor Veiga considerasse o sr. Augusto Malheiro Dias *inimigo da sociedade*, prendendo-o como tal, mandando-o conduzir a Lisboa e ameaçando-o, aqui, de o fazer transportar para a Africa.

Isto seria espantoso n'outro paiz. Em Portugal, que está em peores condições do que a Russia, que tomou para modelo a Servia de Alexandre I, já nada espanta. Absolutamente nada.

Comtudo, não deixa de ser merecedor d'especial registo este curiosissimo caso de que estamos tratando e que é mais um para demonstrar eloquentemente a que grau de cynismo chegou o poder pessoal entre nós.

Quando se forjou a lei de 13 de fevereiro, uma das joias que enfeitam a corôa estadistica do sr. João Franco, mas joia que ninguem rouba, infelizmente, logo se previu que seria origem de grandes abusos. Ninguem imaginaria, comtudo, que podesse servir para impedir que os manos ou manas dos politicos em evidencia casassem contra vontade d'estes figurões. Isso é que ninguem imaginou, com toda a certeza.

Pois ahi a teem servindo para o *effeito!*

Sem deixar de produzir verdadeira indignação, o attentado produz riso, ao mesmo tempo. Em paiz nenhum uma lei contra os anarchistas poderia servir para desmanchar casamentos. Só em Portugal!

Isto, na verdade, desceu tudo quanto podia descer.

A' espreita

A nossa policia tem andado á paizana, escondidamente, espreitando os rapazes que se vão banhar nas selsas aguas da nossa ria, afim de refrescar a dura epiderme.

Cuidado, pois, com o nadar, rapaziada.

A NOSSA CARTEIRA

—*—

E' esperado ámanhã ou depois, com sua familia, o sr. capitão Homem Christo, que vão fazer uso de banhos na praia do Pharol.

*

Deve chegar ámanhã á sua casa d'Agueira (Agueda) o sr. dr. Manuel Homem de Mello, deputado por Aveiro.

*

Regressou de Entre-os-Rios a esposa e filha do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

*

Concluiu a sua formatura em direito, fazendo um bonito acto, o sr. dr. Joaquim de Castro, a quem por isso o felicitamos.

*

Regressou do Gerez a esta cidade, o nosso amigo sr. Augusto Guimarães.

*

Encontra-se completamente restabelecida a extremosa filhinha do nosso amigo sr. Albino Pinto de Miranda, pelo que lhe enviamos o nosso sincero parabem.

*

Seguiu para o Valle da Mó a fazer uso das aguas ferruginosas, o nosso amigo sr. João Ferreira Feliz, acreditado commerciante d'esta cidade.

*

Regressou de Mondariz o sr. Manuel Maria Amador, chefe da conservação d'obras publicas.

*

Para as thermas dos Cucos, partiram os srs. Manuel Gonçalves Netto e Alberto Pinheiro Chaves.

*

Vae-se restabelecendo, embora lentamente, o sr. dr. Luiz Regalla, decano dos medicos aveirenses.

*

Fez acto do quarto anno na escola medica de Lisboa, ficando distincto, o nosso patricio sr. Lourenço Simões Peixinho

*

Tomaram posse dos logares de enfermeiro e enfermeira do hospital d'esta cidade, o sr. José Monteiro Telles dos Santos e sua esposa.

*

Partiu para Luzo o sr. Manuel Gonçalves Moreira, proprietario dos «Armazens da Beira-mar».

*

Para as Caldas da Rainha partiu com sua familia o sr. José Maria do Couto Brandão.

*

Partiu hontem para o Valle do Mó, afim de fazer uso das aguas, o sr. José d'Almeida dos Reis, industrial e vereador do nosso municipio.

Fallecimento

Falleceu na segunda-feira em Soure, quasi repentinamente, o sr. Albino da Costa Carvalho, escrivão-notario d'aquella comarca. Era cunhado dos sr. Diogo Maria Serrão, actual chefe da estação do caminho de ferro em Campolide, e que por muito tempo foi chefe da nossa estação, onde grangeou geraes sympathias, pelo seu bello trato affavel e obsequiador.

O finado succumbiu aos estragos d'um insulto apopletico, deixando toda a familia por quem era extremosissimo, na mais cruciante dôr.

Ainda ha pouco tempo o sr. Costa Carvalho esteve n'esta cidade de visita a seus parentes, com a mais perfeita saude, rindo e conversando animadamente como bom cavaqueador que éra, mal pensando elle que poucos dias depois não tornaria mais a vêr aquelles que tão caros lhe eram na vida!

A todos os doridos o nosso cartão de pezames.

Club "Mario Duarte,,

A direcção d'esta florescente associação, resolveu no proximo dia 2 de agosto expôr nas salas d'aquelle *club* o retrato do distincto *sportman*, sr. Mario Duarte, offerecendo-lhe por essa occasião um jantar a que só poderão assistir socios, estando já patente n'aquella associação a inscripção para quem se deseje inscrever, sendo muitissimos aquelles que o tem feito.

N'esse dia será tambem estreada a nova bandeira que sua ex.ª offereceu áquelle *club*.

Assiste ao jantar uma phylarmonica, que tocará durante a refeição.

THEATRO AVEIRENSE

Realisa-se no proximo domingo, 26, um attrahente espectaculo dado pela conhecida Companhia Infantil Portuense, em beneficio de José Rodrigues Monteiro de Castro, continuo da Associação dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro, que tem tido sua mulher gravemenne enferma no hospital do Porto, e que, por determinação medica, precisa de fazer uso das aguas thermaes para completo restabelecimento.

O producto, pois, do espectaculo reverte para esse fim, porque é uma familia extremamente pobre. Por isso é digno do auxilio publico.

Julgamentos

Respondeu na quarta-feira no tribunal d'esta comarca, em audiencia geral, o celebre *Manuelinho*, Manuel de Sousa e Silva, accusado de ter praticado varios furtos e de evasão das cadeias d'esta cidade.

Dizem-nos que foram algo deficientes as provas de que elle fosse o auctor d'alguns dos furtos, a não ser uns pequenos indicios que de prova juridica nada valiam. No entanto, o réu foi severamente castigado, sendo condemnado em 8 annos de prisão maior cellular, ou na alternativa em 12 annos de degredo em possessão de 2.ª classe, accrescendo a qualquer d'estas penas a de um anno de multa á razão de 500 réis por dia e custas e sellos do processo!

Não sómos de opinião de que o homem fosse absolvido, antes pelo contrario, devia ser castigado, mas não com uma pena tão severissima, propria a ser applicada a grandes fascinoras, e não a um mero *galopim* de carteiras que as *surripiava* tão habilmente que ninguem nunca o persentiu.

Na Chamusca, como em outro logar d'este jornal noticiamos, commetteu-se o mais horripilante dos crimes, pois esse malvado ha de ter a pena egual a este desgraçado de que vimos fallando.

Aos assassinos do infeliz Joaquim Lopes Lourenço, morto barbaramente na travessa das Olarias, e que era o unico amparo dos paes, deram-lhe então a insignificancia de 4 e 2 annos de prisão cellular!!

O *Manuelinho* seguiu quinta-feira para as cadeias da relação do Porto, acompanhado por 3 militares de bayoneta calada, e do official de diligencias, sr. Augusto José de Carvalho.

E' de esperar que os doutos juizes da relação lhe diminuam a pena, porque n'isso não praticam senão um acto de justiça e um descargo de consciencia.

*

Tambem respondeu na sexta-feira em audiencia geral, o réu José Marques Novo, do logar de Azurva, accusado de ter ferido gravemente um individuo da Murtoza, n'um pinhal proximo a Esgueira, na occasião em que o queixoso se achava em colloquio com uma mulher que tinha uns filhos do réu.

Não obstante os ferimentos serem muito perigosos, e o queixoso ficar impossibilitado de trabalhar para sempre, o réu foi apenas condemnado a **dez mezes de prisão!**

Vae sem commentarios, porque a pena em si, falla bem alto.

Um louco

Em Mangualde, um louco, rapaz de dezoito annos, penetrou dentro do cemiterio, despedaçando todos os lettreiros e cruzes dos mausoleus.

Os prejuizos são avaliados em duzentos mil réis.

Ao pobre doido tiveram que lhe vestir uma camiza de forças por se achar muito furioso.

Olha se lá apanhava o *Chiça!*

O *Frei Chiça* apanhou a *dente* a cantiga do abbade de Fornos e nem á mão de Deus padre é capaz de a *largar*.

Volta e meia, cantiga á *baila*.

E' de manhã, é á tarde, é á noite, é sempre constantemente.

Outro dia estava elle tão distrahido estudando-a por musica, que sendo-lhe perguntado o que desejava para o jantar, respondeu:

— Quero a historia do abbade de Fornos.

Olha se lhe fazia a *bontade*... teriam de mandar vir um enorme *boti-cão*, do contrario era uma vez um *frei*...

O Recreio Artistico promove no proximo domingo domingo um passeio fluvial ao rio Vouga para os seus associados e suas familias.

CARTAS DO PORTO

17, ás 10 H. NOITE.

(Correspondente particular)

A gréve—Desacordo entre operarios e industriaes—Negociações rompidas—Resoluções tomadas.

Não sei se a minha carta da semana passada chegou ou não a essa redacção a tempo de ser publicada no numero de domingo passado no «Povo de Aveiro»

Julgo, porém, que chegou muito a tempo, mas como até hoje não recebi o jornal, quando o devia receber na segunda-feira, como é costume, fiquei e ainda estou, ás *aranhas*. Cousas dos nossos correios! Chamar a attenção de quem compete dar providencias e não chamar, é quasi a mesma cousa, por isso é deixar correr os *marfins* e estar calado emquanto isso se dér só com jornaes.

—

Reuniu effectivamente do dia 15 na séde da Associação Industrial, presidida pelo sr. Calem Junior, a commissão mixta de operarios e industriaes, que trabalharam de commum accordo, na elaboração das tabellas a fim de serem melhoradas as condições dos operarios tecelões, quer manoaes, quer mechanicos.

Estas tabellas foram apresentadas pela commissão mixta acompanhadas de diversas amostras de tecidos, para melhor poder elucidar a apreciação das mesmas tabellas.

Sobre estas, houve uma breve discussão, resolvendo por fim convocar os industriaes textis para umas reuniões nas quaes as tabellas fossem por elles apreciadas e discutidas.

E assim fizeram.

Como fôra marcado no dia anterior, reuniu hontem de novo na Associação Industrial, a commissão mixta de operarios e industriaes.

Na sala das sessões reuniram primeiro os industriaes, afim de analysarem a tabella que a commissão mixta de operarios e industriaes, tinham elaborado para os tecelões mechanicos.

Examinados os differentes preços que a commissão mixta apresentou com os respectivos augmentos, houve grande e violenta discussão entre os industriaes, resolvendo estes *não acceitarem augmento algum*, compromettendo-se só a pagarem como actualmente estão fazendo.

Em virtude da resposta dada pelos industriaes ao sr. presidente Calem Junior, e na attitude em que estes ficaram para com os operarios—em nada cederem—o sr. Calem Junior chamou á sala a commissão dos operarios mechanicos e de fiação, e expoz-lhes a resolução alli tomada pelos industriaes.

A commissão dos operarios, protestou contra semilhante decisão.

Estão, pois, rompidas as negociações entre os operarios tecelões mechanicos e de fiação, e os industriaes.

Nova batalha, pois, vamos ter e esta talvez mais renhida. Bem dizia eu que ainda não era d'esta vez que as cousas entravam nos eixos. E não entra tão cêdo, tenho *palpite* d'isto. Isto tudo foi passado do lado da tarde.

A' noite reuniu a Confederação das artes textis afim de tomarem conhecimento da decisão dos industriaes.

Depois de grande discussão sobre o assumpto, foi approvada a seguinte:

MOÇÃO

«Considerando que a commissão tem trabalhado com toda a consciencia no sentido das reclamações feitas pelos operarios tecelões e fiandeiros;

Considerando que os industriaes que approvaram o augmento dos 10 p. c., além do preço do industrial *que melhor paga* e que *faltaram a esse comprimisso*;

Resolve não tomar a responsabilidade do que possa succeder.»

Repito, vae começar nova batalha, e talvez rija, se não apparecer a bandeira da misericordia que faça serenar tudo isto, a contento das duas partes, porque é uma grande necessidade acabar com esta trapalhada.

D. C.

Nota da redacção:—Pedimos ao esclarecido correspondente queira dizer-nos a sua direcção, afim de obstar a que deixe de receber o *Povo de Aveiro*.

Com o n.º 731 entrou hontem no seu XV anno de existencia o nosso collega *Os Successos*, a quem felicitamos.

Dizia um professor de musica italiano que a ignorancia póde mais que cem juntas de bois.

E é certo. Temos n'este caso o *Frei Chiça*.

Barbaro crime

Proximo á Chamusca, no logar de Carregueira, perpetrou-se ha dias um hediondo crime, revestido de circumstancias tão horrorosas que profundamente emocionanou todos os habitantes d'aquella região.

Foi o caso de que Manuel da Matta Perutá, de 48 annos, jornaleiro, casára ha uns 13 annos com Anna de Lima, que então contava 50 annos,

---

(19) **FOLHETIM**

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

VI

Exemplo de honestidade aos medicos

Quer fosse sisudeza, quer hypocrisia, Braz Luiz de Abreu, que então contava vinte e cinco annos, assim que o amor lhe abriu o peito com seus magicos dedos, sacudiu a canga do artificio e mostrou-se homem genuino. Deu elle tento de que os seus collegas todos eram familiares do santo officio, e todavia amavam a rosto descoberto; e, nas casas onde entravam, contra a prescripção do soneto, não procediam exactamente

Como do Nilo o cão, que bebe e corre:

Ora, como elle, de espaço, fosse vendo que a inquisição vivia despreoccupada d'aquelles cães do Tejo que bebiam muito devagar, bandeou-se com elles, e atirou o coração ás tempestades dos vinte e cinco annos, resalvadas as apparencias.

A primeira dama que se quiz senhorear da alma do seu medico, era uma fidalga quarentona, ainda vistosa, affeita a ser beijada na face por bons galans que se ajoelharam diante d'ella até aos trinta annos, e se purificaram da idolatria, desde que as flôres do rosto, desbotadas pelo caio, e os cabellos ressequidos pelo ferro se foram despegando d'aquella cabeça rica de formosas tradições. Estava literalmente calva.

D. Claudia da Silveira, logo que se julgou encarada voluptuariamente pelo olho unico do seu medico, levou a mão ao peito e sentiu-se arder. Desde essa hora os achaques eram tantos e tamanhos que Braz Luiz escassamente se podia desobrigar de acudir-lhe tres vezes por dia com agua de Inglaterra, com pedra cordeal de Gaspar Antonio, ou com agua de lingua de vacca, antidotos de sua predilecção contra os estherismos e enchaquecas da senhora D. Claudia da Silveira.

A dama cada vez mais enfermissa, tornára-se a desesperação da medicina gallenica. Dos linimentos á chaga interna que lhe cancerava as entranhas, um sómente dêra satisfatorio resultado: era a presença do medico, o tatear d'elle no pulso arreiado de manilhas, o apalpal-a nas costellas sobre e sub-jacentes ao coração. No coração nomeadamente é que ella dizia ter a morte, o morder e repuchar de dentes e garras do que quer que fosse. Resolveu o doutor que lhe dessem uma untura anodyna sobre a parte magoada. Resistiu a dama, quando viu a aia arremagar-se para o acto, e exclamou, repellindo a creada:

— Não consinto mãos extranhas no meu corpo! Antes a morte!

Braz Luiz de Abreu empenhou calorosas razões a persuadil-a, cuidando sinceramente que a dama soffria dolorosissimas palpitações. Da austeridade de medico passou ás brandúras de amigo que muito lhe devia, porque a paga era mais que prodiga, e chegou a pedir-lhe consentimento para ser elle quem lhe friccionasse o seio.

Muito rogada e como incendida em pudor virginal, consentiu D. Claudia, referindo a sua condescendencia não tanto ao amor da vida, como ao horror de morte assim atribulada.

(Continúa.)

e que tinha uma filha de nome Joanna Maria da Paixão, rapariga dos seus 14 annos, e de quem o Peruita se apaixonou aponto que passado tres mezes depois do casamento, elle mantinha relações illicitas com a enteada, tratando mal a mulher, a ponto tal que se separaram mais tarde, passando elle a viver só com aquella, de quem tem agora quatro filhos; o mais velho dos quaes conta 10 annos e o mais novo 20 mezes.

Desde a data da separação traria o malvado a ideia de matar a mulher, o que fez no dia 5 do corrente, para o que se serviu do pretexto de mandar os filhos a uma propriedade ver se uns fructos estavam maduros e á mulher com quem vivia disse que se não queria assistir á morte da mãe, se retirasse para um pinhal que existe a distancia da casa!

Foi isto cerca das 8 horas da manhã, hora a que a victima costumava ir regar n'uma pequena horta, pegada com a casa do criminoso.

A' hora marcada, tanto a sua companheira como os filhos apartaram-se para os logares designados e só voltaram a casa quando ouviram o signal convencional, que foi um tiro.

O crime foi commettido a 40 metros de distancia da casa. O malvado escondera-se detraz de um molho de centeio e apanhando a mulher de surpreza, passou-lhe traiçoeiramente uma corda pelo peito, arrastando a desgraçada pelo chão até que a apanhou em casa, estrangulando-a em seguida.

Conta tambem a companheira do bandido que quando chegou a casa ainda encontrou o Peruita enterrando a sua mãe na chaminé e sobre ella accenderam o lume, continuando a servir-se da lareira sob a qual, o cadaver estava enterrado como antes o fariam!!

Diz a amante que elle a tinha ameaçado de morte, caso o denunciasse.

Revolta tanto cynismo e tão requintada malvadez!

Interessante

Querem saber o nome todo do sr. infante D. Affonso?

Affonso Henriques Napoleão Maria Luiz Pedro de Alcantara Carlos Humberto Amadeu Fernando Augusto Miguel Raphael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis João Augusto Julio Valfaudo Ignacio de Bragança Saboya Bourbon Saxe Coburgo Gotha.

Safa!

Parece mesmo a historia da *Ribeira-motta*.

POBRE DE TI...

Triste de quem dér um ai
Sem encontrar ecco em ninguem;
Felizes os que tem pae,
Mimosos os que tem mãe.

Thomaz Ribeiro escrever, nem de proposito, esta quadra para um *desgraçadinho* pária que se vê só no mundo, odiado e repudiado de todos, qual animal lazarento lançado á margem por *Tolentino*...

Reservistas

No proximo mez de agosto devem-se apresentar os reservistas afim de receberem a instrucção conforme os demais annos, pelo espaço de trinta dias.

Vão para isso ser licenceadas muitas praças de *pret*, afim de que haja alojamento para todos.

Notas alegres

O porteiro do palco:

— Não se póde entrar, meu caro senhor. E' prohibição absoluta.

— Vou ao camarim da actriz Folana...

— Impossivel, já lhe disse.

— Mas... sou marido d'ella.

— Oh! então peior ainda!

*

Dialogando com o José Caetano:

— Pois quê? o senhor sustenta que ha cães mais espertos que os donos?

— Decerto! são raros, mas eu tenho um...

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, [illegible] respondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, chifres, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio. 42 a 44

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenrolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal, (1.ª parte) 15.ª edição, preço 200 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte) 15.ª edição, preço 300 réis.

Estes dois livros, approvados pelo governo, completam a arte de leitura de João de Deus.

Album, contendo as licções da CARTILHA MATERNAL, preço 9$000 réis.

Quadros parietaes, contendo as mesmas licções em 35 cartões, 9$00 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, 270 réis.

DO MESMO AUCTOR

Campo de Flores, 3.ª edição das poesias lyricas completas, coordenadas sob as visitas do auctor, pelo dr. Theophilo Braga, 600 réis.

Prosas, (de João de Deus) coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, preço 800 réis.

PEDAGOGIA: **A Cartilha Maternal e o Apostolado,** (1.º livro) 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.º livro, 500 réis.)

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e prático da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras acham-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos do costume ás livrarias.

Pedidos ao commissario Francisco Franco, Livraria Popular, Travessa de S. Domingos, 60, Lisboa, aonde serão dirigidas as requisições.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações ácerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, pódem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrela), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Os municipios, corporações e professores que queiram adoptar nas suas escolas o methodo de João de Deus, tambem teem desconto especial.

Dedosito geral das obras, L. do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 —LISBOA.

Preço 200

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido demais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entrecho e pela sua fórma artistica e impeccavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COSINHA PORTUGUEZA

OU

ARTE CULINARIA NACIONAL

COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Producto reservado a um fim patriotico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém:—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções:

Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35), 91; Môlhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pasteis, tórtas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Dôces de sobremeza, 203; Compotas e conservas, 54; Dôces de chá, 155. —Total 795.

A' venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartonagem, 700. Idem 760 réis.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,,

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

ARMAZENS DA BEIRA-MAR DE MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDA SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.